

## ‘O pai x o lado esquerdo da família: uma análise de *Lavoura Arcaica*

Jacqueline Ribeiro de Souza<sup>1</sup>  
Alex Fabiano Correia Jardim<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objeto de pesquisa *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar e objetiva analisar a construção dos sujeitos discutindo e apresentando as disparidades discursivas presentes nos discursos do pai e dos membros familiares que se encontram à sua esquerda. A tentativa do pai de moldar e disciplinar os familiares, visando à construção de subjetividades ideais, influencia na construção de discursos de desvio desse ideal, comum àqueles que estão à sua esquerda e se caracterizam como a antinorma, por tentarem romper com a tradição e com a ordem estabelecida pelo pai. Dessa forma as relações de poder que se estabelecem nesses discursos também é alvo de análise.

**Palavras-chave:** Discurso. Poder. Transgressão.

Em *Lavoura Arcaica*, a família é dividida em dois polos: o polo da tradição, do conservadorismo, do autocontrole e da moderação, representado pelo pai e seus seguidores, ou seja, aqueles que estão à sua direita; e o polo do afeto, da libertação, do descontrole e do descomedimento, representado pela mãe e seus respectivos seguidores: André, Ana e Lula, que melhor diríamos, aqueles que estão à

<sup>1</sup> Mestranda em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. jac.ribeiro@bol.com.br.

<sup>2</sup> Doutor em filosofia. Professor no curso de graduação em Filosofia e no mestrado em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. alex.jardim38@hotmail.com.

esquerda do pai.

Responsável pela continuidade da família e de perpetuar os ensinamentos herdados, não quebrando o círculo de uma tradição secular, o pai Iohána tenta, de forma imperativa, impor aos membros de sua família regras e valores. De acordo com Jurandir Freire Costa (1992), a castração pela linguagem pode ser entendida como as várias formas de ensinar os sujeitos a seguirem regras morais, estruturando suas subjetividades de acordo com os ideais de eu ou subjetividades modelares de como deve ser o sujeito. Porém, essa construção de subjetividades ideais implica, “*ipso facto*, a figura da antinorma ou do desvio do ideal, representada pelos que não podem, não sabem ou não querem seguir as injunções ideais” (COSTA, 1992, p. 19). Entendemos, portanto, que a tentativa do pai de moldar e disciplinar os familiares, visando à construção de subjetividades ideais, influencia na construção de discursos de desvio desse ideal, comum àqueles que estão à sua esquerda.

O discurso pode ser entendido como qualquer atividade produtora de sentido entre os interlocutores no processo da enunciação, e é regulado por uma exterioridade linguística que é o contexto histórico-social e a ideologia. O sentido de uma enunciação depende do locutor e do interlocutor, eles são os sujeitos da interação comunicativa. Esse sujeito do discurso é na verdade uma forma imaginária que está ligada à formação histórica e ideológica, e como imagem pode se revelar ou se omitir, ocupando diversas posições e diferentes papéis sociais.

O sujeito é, portanto, um efeito do discurso, visto que é no discurso que ele se constitui. A subjetividade, dessa forma, trata-se da capacidade do indivíduo de se colocar como sujeito, referindo-se a ele mesmo com o emprego do *eu* no seu discurso. Segundo Émile Benveniste o

*eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* designa o locutor que este se enuncia como “sujeito”. (BENVENISTE, 1995, p. 288).

Para Benveniste o homem só tem consciência de si mesmo, quando se coloca como o *eu* do seu discurso, e isso só é possível por contraste, já que o emprego do *eu* implica o emprego de outra pessoa, o *tu*. Então, ao se dirigir ao outro, ao *tu*, o homem se vê como o *eu* do seu discurso. Dessa forma, conclui que é no discurso que o homem se constitui como sujeito.

Para Suely Rolnik, a subjetividade é o perfil do modo de ser, pensar e agir envolto num processo sem fim, de constante mutação, que se administra dia a dia. É como um mapa de sensações que povoam uma cartografia mutável. Todo ambiente sócio-cultural é composto de universos. E esses universos, traduzidos como sensações, afetam as subjetividades que se delineiam “a partir de uma composição singular de forças, um certo mapa de sensações. A cada novo universo que se incorpora, novas sensações entram em cena e um novo mapa de relações se estabelece” (ROLNIK, 1999, p. 02), implicando, dessa maneira, uma desestabilização do ser, um processo que nunca para e faz da subjetividade “um sempre outro”, já que está em constante mutação.

Suely Rolnik também afirma que pretender que nossas cartografias, ou subjetividades, “sejam puras, eternas, universais ou simplesmente verdadeiras em si mesmas é reiterar exatamente o que faz adoecer: calar a diferença, calcificar o existente, impotencializar a vida, travar a processualidade do ser, breçar a história.” (ROLNIK, 1995, p. 03). O ser é, a todo o momento, surpreso por novos acontecimentos que o forçam a criar novas figuras para dar sentido às diferenças geradas. São quebras e rupturas que ocorrem repetidamente durante toda a nossa vida, não sendo possível fugir delas, mas adaptar nosso “eu” a elas, modificando-nos. É preciso levar em conta a processualidade do ser e aprender a lidar com essas diferenças, com o mal-estar gerado por elas, já que são naturais ao ser e constituem nossas subjetividades.

O sujeito está sempre em processo, em constante movimento na formação individual, em um permanente “tornar-se”. O indivíduo não é um ser constituído, ele torna-se um ser a partir das relações que estabelece com o meio cultural e social ao qual está inserido através de seu discurso. Dessa maneira, não é possível analisar

a construção do sujeito sem analisar o seu discurso, já que a subjetividade está fundamentada na prática discursiva.

Para Foucault (2005) o discurso é uma prática que provém da formação de saberes e que necessita de uma articulação com outras práticas não discursivas; é um jogo estratégico e polêmico de ação e reação e de dominação e de esquivas; é um espaço em que o saber e o poder se articulam, já que aquele que fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente e a produção do discurso gerador de poder é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a eliminar toda e qualquer ameaça a esse poder. Dessa forma, o sujeito está preso a essas relações complexas de poder, que devem ser vistas a partir das estratégias de poder/resistência. É importante destacar que essas relações de poder são caracterizadas muito mais pela produção do que pela repressão, uma vez que produzem pensamentos, ideias, palavras e atitudes.

Segundo Foucault, em uma sociedade como a nossa existem procedimentos de exclusão e o mais conhecido de todos eles seria a interdição. “Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (FOUCAULT, 2005, p. 9). Evidenciando, assim, que aquele que fala, detém de certa forma um direito exclusivo e privilegiado.

Por isso o discurso está longe de ser algo transparente ou neutro, Pelo contrário, as interdições impostas a ele, revelam rapidamente sua ligação com o desejo e o poder. O discurso não é simplesmente a manifestação ou ocultação do desejo, é também o objeto do desejo; como também não é só a tradução dos sistemas de dominação, mas também aquilo pelo qual se luta, “o poder do qual nos queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2005, p. 10). O discurso é, portanto, alvo de desejo e símbolo de poder.

O pai, em *Lavoura Arcaica*, quer eliminar qualquer ameaça a seu poder, porém seu discurso pensado sob essas relações de poder, que quer proibir, reprimir, restringir, inibir, fazer calar, pode ser visto como um discurso que incita, incentiva, faz falar, ou seja, um discurso produtivo. E esse discurso imperativo pode, na realidade, estimular a produção de discursos de resistência. Além do mais, a pretensão

do pai de criar subjetividades ideais, padronizadas segundo a sua vontade está fadada ao fracasso, porque sua visão não permite pensar na produção do novo, insiste numa tentativa de domesticação dos efeitos das forças externas que afetam as subjetividades, não levando em conta a processualidade do ser e o mal-estar que provoca a sensação de desestabilização de cada um. Dessa forma, as relações de poder e de resistência se intensificam, produzindo pensamentos, palavras e atitudes, ou melhor, discursos, que transgridem e desconstróem o discurso paterno, sendo essa desconstrução comum àqueles que estão à direita do pai: a mãe, André, Ana e Lula.

### **O pai: a tábua solene**

O pai sempre tão solene em seus desígnios, sempre tão preso à tradição, está predestinado a repassar aos filhos a herança cultural herdada, já que é responsável pela manutenção da ordem da família e da perenidade dos ensinamentos. É visto sob a ótica do narrador-protagonista, André, que rememora seus ensinamentos, retomando suas falas e muitas vezes refletindo sobre elas.

Se é na instância do discurso que o homem se institui como sujeito, é, portanto, através do seu discurso firme e austero, mesclando tons doutrinários, religiosos e proféticos que Iohána se impõe como senhor supremo do seu clã, alternando funções como as de chefe, sacerdote, juiz, general, ou seja, todas as funções implícitas às funções de um pai. Munido de poder, já que detém o direito privilegiado e exclusivo do sujeito que fala, vê-se no direito e na posição de impor, julgar e punir. Dessa forma, é no discurso, onde exerce de forma mais efetiva, seu poder.

O princípio básico e essencial do seu sermão é que a família deve se fechar e se deixar conduzir pelo ciclo: amor, trabalho e tempo. Advertindo que não será jamais recompensado, aquele que ousar sair desse ciclo, quebrando sua corrente e rompendo com sua circularidade regular. Este, certamente, receberá de volta um castigo implacável do destino.

O verbo áspero do pai se fazia presente em todas as manhãs e noites na mesa dos sermões. O patriarca, sem nunca perder sua

solenidade, começava seu discurso sempre pela importância e supremacia do tempo, afirmando que

onipresente, o tempo está em tudo; existe tempo, por exemplo, nesta mesa antiga: existiu primeiro uma terra propícia, existiu depois uma árvore secular feita de anos sossegados, e existiu finalmente uma prancha nodosa e dura trabalhada pelas mãos de um artesão dia após dia. (NASSAR, 1989, p. 52).

O tempo: bem supremo e tesouro precioso, é cultuado pelo pai como o bem maior que deve ter seu fluxo respeitado para se chegar ao equilíbrio. Reprendendo que na sua casa, ninguém há de dar um passo maior que a perna, que ninguém há de colocar o carro na frente dos bois, bem como nunca começar nada pelo teto, adverte que aquele que agir assim, de forma a impacientar o tempo, não construirá suas bases de sustentação para manter tal equilíbrio. É preciso seguir rigorosamente a lei maior: “a obediência absoluta à soberania incontestável do tempo” (NASSAR, 1989, p. 57). Submeter-se à soberania do tempo seria para o pai uma forma de conservação do *status quo* familiar. Consoante Lima, “a submissão respeitosa ao tempo garantiria a manutenção de uma regularidade estável, evitando que algum membro do grupo se rebelasse contra essa ordem.” (LIMA, 2006, p. 21).

Ao falar do tempo, percebemos também, por parte do pai uma valorização do passado, e conseqüentemente dos antepassados, pois tudo que existe hoje exigiu, anteriormente, esforço e trabalho de outras pessoas. Notamos, dessa maneira, mais uma tentativa de manutenção da ordem familiar e da estrutura patriarcal através do culto aos antepassados, figurado na presença do tempo. A incontestabilidade do tempo pode ser entendida como a soberania incontestável da tradição. Para Abati, o pai seria uma espécie de “representante e guardião das doutrinas herdadas, contribuindo com sua lavoura arcaica para a perpetuação do saber ancestral.” (ABATI, 1999, p. 60).

Outra regra imposta pelo pai é a de manter os limites da fazenda sempre bem vedados, para que não entre nenhum “vento pestilento” que possa contaminar qualquer um dos membros da família. Como também ninguém daquela casa deve buscar fora o que

se tem dentro das divisas de sua terra. É preciso afastar-se do mundo das paixões porque é ele o mundo das trevas e do desequilíbrio. É necessário “erguer uma cerca ou guardar simplesmente o corpo” (NASSAR, 1989, p. 56), pois é somente através do recolhimento que se consegue fugir do perigo das paixões. Porém essa máxima do recolhimento não é utilizada em relação ao trabalho. A dignidade do homem está no trabalho, no laborar, logo, ninguém há de cruzar os braços quando ainda se tem terra para lavar. A lavoura também é uma forma de conservação da ordem familiar através da tradição. Conforme Lima (2006), a lavoura mantém os laços com os antepassados e a tradição, já que está ligada a um conhecimento milenar. Logo, quando o pai a retoma diariamente conserva firmes as raízes da família.

Sempre agarrado à tradição, o pai presta em seus sermões um culto à sabedoria dos mais velhos, chamando a atenção para que a família não se esqueça nunca das suas origens, por isso mantém, na mesa de refeições, a cadeira da outra cabeceira da mesa vazia, em homenagem ao avô. Destaca ainda, que a exemplo dos mais velhos, a primeira lei da casa deve ser a paciência, cultivada com muito zelo pelos antepassados, funciona como uma espécie de viga de suporte para os momentos de adversidade.

Para finalizar seu sermão, o pai enfatiza a importância da união da família, que é encontrada na obediência, na paciência, no recolhimento e na disposição para o trabalho. Enfim, para ele, “hão de ser esses, no seu fundamento, os modos da família: baldrames bem travados, paredes bem amarradas, um teto bem suportado” (NASSAR, 1989, p. 60).

Com isso, percebemos que o pai se utiliza de procedimentos de exclusão e de controle para manter-se no poder, à frente da família. Segundo Foucault (2005), os procedimentos de exclusão seriam a interdição, a separação ou rejeição e o discurso da verdade. A interdição, o mais familiar meio de exclusão, formado por uma grade complexa que envolve o tabu do objeto, ritual da circunstância e direito privilegiado e exclusivo do sujeito que fala, é utilizada pelo pai ao proibir os familiares ultrapassar os limites da fazenda, abrir-se para as paixões e os desejos, impondo a eles o comedimento; bem

como, ao proibir o direito da fala, pois somente a ele é dado esse direito, aos outros cabe simplesmente a aceitação e repetição dos seus preceitos.

Outro princípio também usado pelo pai é o princípio da separação ou rejeição. Conforme Foucault (2005) este procedimento é caracterizado pela oposição entre a razão e a loucura. Para o pai, aquele que contraria os seus desígnios, blasfema, já que seu discurso sagrado, construído na base de uma tradição milenar, é o discurso da razão, e qualquer indivíduo que venha contrapor a essa razão, será tomado como louco. E o discurso do louco deve ser impedido de circular.

O discurso da verdade como terceiro sistema de exclusão impõe uma separação entre o verdadeiro e o falso e essa separação é histórica e institucionalmente constituída e não se exerce sem pressão ou violência. A todo instante o ser humano, ou melhor, a sociedade em geral produz verdades. E essa produção de verdade está totalmente ligada ao poder e seus mecanismos. Esses mecanismos de poder tornam possível a produção de verdade, bem como a própria produção de verdade tem efeitos de poder que prendem os indivíduos a ela. Dessa maneira, as relações entre verdade/poder e saber/poder são indissociáveis.

Consoante Foucault (2005), esse discurso verdadeiro ou essa vontade de verdade se modifica pela história, cada período é marcado por uma vontade de saber diferente. Na Grécia Antiga, por exemplo, o discurso verdadeiro era o discurso precioso e desejável, respeitado e atemorizado. Com as mutações científicas, a vontade de verdade se desloca para as descobertas científicas. De qualquer forma, a vontade de verdade tem sua própria história: a história dos objetos a conhecer e a história das funções e posições do sujeito.

Esse discurso da verdade, como os outros sistemas de exclusão, apoia-se em um suporte institucional, que tem suas práticas reconduzidas e reforçadas por uma pedagogia e também pelo modo como essa verdade é aplicada em uma sociedade. Logo, “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção.” (FOUCAULT, 2005, p. 18).



Esse procedimento de separação entre o verdadeiro e o falso é também utilizado pelo patriarca de *Lavoura Arcaica*, que estipula o seu discurso como verdadeiro, apoiando-se na família, que pode ser vista como uma instituição, já que tem suas regras e valores distribuídos e atribuídos a cada membro familiar, e na tradição, construída ao longo da história, herdada e repassada por ele. Seu discurso coercitivo exerce pressão aos demais sujeitos, com o intuito de promover a exclusão daqueles que por ventura contrariar o seu poder.

O pai também utiliza mecanismos de controle dos discursos. Esses procedimentos de controle tratam de determinar as condições de seu funcionamento, impondo regras e não permitindo que todos tenham acesso a ele. Conforme Foucault, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo.” (FOUCAULT, 2005, p. 37). A forma mais visível desse sistema de restrição é o ritual. Ele

define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo do diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. (FOUCAULT, 2005, p. 39).

O pai, em seus sermões, seguia sempre o mesmo ritual, a fim de que a família fixasse suas palavras e internalizassem o seu código de conduta: “o excesso proibido, o zelo uma exigência, e, condenado como vício, a prédica constante contra o desperdício, apontando sempre como ofensa grave ao trabalho” (NASSAR, 1989, p. 75-76). André relata que esse ritual de austeridade se cumpria três vezes ao dia, na hora de repartir o pão, principalmente na mesa de refeições, lugar onde faziam o aprendizado da justiça do pai.

Esse ritual se completava com gestos, comportamentos e signos que acompanhavam os sermões do patriarca. O pai sempre à cabeceira fazia uma pausa de costume para que refletissem sobre suas palavras e, segundo André, medissem a “majestade rústica” de sua

postura: firme, solene, pescoço sólido, cabeça grave e as mãos prendendo a quina da mesa.

A doutrina também é um procedimento de controle dos discursos, com tendência a difundir-se, caracteriza-se pela partilha entre os indivíduos de um só e mesmo discurso. Ela “liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros.” (FOUCAULT, 2005, p. 43). Em *Lavoura Arcaica*, o pai impetra ao seu discurso esse traço doutrinário, porquanto pretende que a família partilhe o mesmo discurso que ele, proibindo qualquer outro discurso que não seja o seu. Também pretende que seus ensinamentos sejam difundidos, repassados pelos filhos. Percebemos esse desejo de perenidade, quando mantém viva a memória dos antepassados, exaltando a todo o momento a sabedoria dos mais velhos. Se hoje ele colhe o que semearam antes, um dia colherão daquilo que ele semeia hoje.

Outro procedimento de sujeição do discurso é a apropriação social. O indivíduo, através da educação, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, porém o sistema de ensino é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos. De acordo com Foucault

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes? (FOUCAULT, 2005, p. 44-45).

Desse modo, podemos parafrasear Foucault, afirmando que o sistema familiar, visto como um sistema de ensino com seus ritos e doutrinas, é uma maneira política de manter ou dominar os discursos e, por conseguinte, os sujeitos. Segundo o protagonista André, o pai quer transformar a família em uma “escola de meninos-artesãos”, onde tudo é cultivado e produzido em casa. Porém, mais que uma questão particular de trabalho, é uma questão política do exercício do seu poder, onde o pai quer impor o seu discurso, fazendo da instituição familiar, uma instituição de ensino. Ele quer ritualizar sua

palavra, constituir um grupo doutrinário das suas leis, fixar papéis para cada membro familiar, segundo a sua vontade, além de impor a todos a apropriação de suas palavras com vistas à manutenção e difusão dos seus ensinamentos. Para isso, faz uso de um tipo de poder chamado disciplina. Uma modalidade constituída por um conjunto de instrumentos, procedimentos, técnicas e níveis de aplicação que permite exercer o poder de forma efetiva. Todo poder se instaura mediante técnicas e métodos.

Vale ressaltar que o poder deve ser entendido como uma estratégia, como um jogo onde se encontram as relações de forças. Um jogo que, através de lutas ininterruptas, transforma essas relações, reforçando-as ou invertendo-as e não como uma instituição maior de dominação irreversível. São relações de forças entre indivíduos: entre um homem e uma mulher, entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, dentre várias outras relações infinitas do cotidiano. Também é preciso destacar que essas relações de forças suscitam uma resistência. Não existe um poder irreversível ou incontornável, mas ao contrário, todo poder é passível de reversibilidade, já que todo poder faz surgir uma recusa ou uma revolta. Para Foucault (1987), o indivíduo além de ser ficticiamente a representação da sociedade é também uma realidade fabricada por esse tipo de poder. Dessa forma, faz-se necessário abandonar a visão de que os efeitos desse poder sejam sempre negativos: “ele ‘exclui’, ‘reprime’, ‘recalca’, ‘censura’, ‘abstrai’, ‘mascara’, ‘esconde’.” (FOUCAULT, 1987, p. 161). O poder se caracteriza pela produção, ele produz realidades e o indivíduo é, portanto, um fruto dessa produção.

Através do seu discurso, Iohána pratica o exercício do seu poder, possível pelo seu direito de soberania e pelo mecanismo da disciplina. Seu poder é exercido na tentativa de moldar os sujeitos conforme suas próprias regras. No diálogo com Pedro, André afirma que o pai

na sua sintaxe própria, dura e enrijecida pelo sol e pela chuva, era esse lavrador fibroso catando da terra a pedra amorfa que ele não sabia tão modelável nas mãos de cada um; [...] mas era assim que ele queria as coisas, ferir as mãos da família com pedras rústicas, raspar nosso sangue como se raspa uma rocha de calcário. (NASSAR, 1989, p. 42).

O patriarca, através do seu discurso autoritário e austero unido à força física, quer reprimir, calar e excluir a diferença. Nota-se na fala de André, o esforço do pai de impor a sua vontade à família a qualquer custo, de forma imperiosa e rude. Na tentativa de padronizar o processo de constituição dos sujeitos, formando subjetividades ideais, o pai não leva em conta a processualidade do ser, que faz do sujeito um sempre outro, e não reconhece a dinâmica de que a todo o momento um perfil se dilui enquanto que outro imediatamente se esboça. O pai ignora que o seu poder funciona antes como produção do que repressão, que o seu poder incita a produção de ideias, palavras, discursos e, por conseguinte, sujeitos. E esses sujeitos envolvidos nessas relações complexas de poder, muitas vezes assumem papéis de resistência.

De acordo com Gilles Deleuze e Félix Guattari (1966), no conjunto social existem dois tipos de grupos, os grupos-sujeitos e os grupos-sujeitados e estes grupos estão em constante movimentação: “um grupo-sujeito corre a todo momento o risco de sujeição e um grupo sujeitado pode ser, em certos casos, forçado a assumir um papel revolucionário.” (DELEUZE & GUATTARRI, 1966, p. 66). Em *Lavoura Arcaica*, o pai se encontra nesse grupo-sujeito, enquanto que os demais familiares pertencem ao grupo-sujeitado. No entanto, parte desse grupo-sujeitado assume o papel revolucionário, de resistência e de transgressão.

## O enfermiço lado esquerdo

Em *Lavoura Arcaica*, o papel revolucionário do grupo-sujeitado fica a cargo daqueles que estão à esquerda do pai, já que o lado direito da família é uma continuação espontânea do tronco, que seria o patriarca. Essa dualidade resistência/revolução só é possível a partir da constatação das falhas do discurso paterno. Com vistas a conservação da estrutura da família de forma arcaica, o pai mantém seu discurso estagnado frente a constante mutabilidade do ser. Seu discurso não evolui, não se transforma para adequar-se as novas realidades e novas subjetividades que vão surgindo, apresentando, portanto, falhas que permitem serem questionadas e abrem espaço

para a transgressão.

Seu discurso é falho à medida que se observa a repetitividade de seus sermões, construído com frases feitas de refrães populares e trechos retirados da Bíblia ou do Alcorão. Teixeira (2002) destaca em seu trabalho a intertextualidade que *Lavoura Arcaica* estabelece com os textos bíblicos e o Alcorão, citando principalmente as aproximações do discurso paterno aos livros sagrados: *Provérbios*, *Eclesiastes* e o *Evangelho de São Lucas*. Sedlmayer (1997) já havia discutido anteriormente essa questão, ao fazer um paralelo entre o romance e os textos bíblicos: *Provérbios*, *Eclesiastes* e *Cantares*, livros cuja escrita são atribuídos a Salomão. Já Rodrigues (2006) apresenta uma analogia mais ampla, comparando vários textos do Antigo e Novo Testamento da Bíblia com *Lavoura Arcaica*. Faz aproximações com os livros dos profetas *Isaias*, *Jeremias* e *Habacuc*, com os livros chamados “sapienciais”: *Deuteronômio* e *Provérbios* do Antigo Testamento, e do Novo Testamento faz referência aos evangelhos e as epístolas: *Matheus*, *Lucas*, *Romanos*, *Coríntios*, *Efésios*, dentre outros.

De fato, em *Lavoura Arcaica* o discurso paterno abarca uma mescla de textos bíblicos, corânicos e ditos populares. Fato este, já detectado pelo próprio protagonista do romance. André menciona a solenidade do pai ao ler textos compilados em uma velha brochura: “abrindo com os dedos maciços a velha brochura, onde ele, numa caligrafia grande, angulosa, dura, trazia textos compilados, o pai ao ler, não perdia nunca a solenidade” (NASSAR, 1989, p. 61). Os textos de origens diversas reunidos nessa única obra, a velha brochura, faziam do discurso paterno falho, já que o pai não sustentava um discurso próprio. Isso faz com que seu discurso seja inconsistente e, ao mesmo tempo, incoerente, já que o excesso de repetição mostra a incompatibilidade entre os seus discernimentos e as suas ações.

Segundo Rodrigues, o discurso do pai prega o comedimento e a moderação, porém sua fala contrapõe o seu discurso e se apresenta como descomedida, repetitiva e excessiva. “O que já não pode mais ser obtido unicamente pela presença requer a palavra persuasiva a acompanhá-la. E a insuficiência dessa palavra primeira requer outras e mais outras e assim sucessivamente.” (RODRIGUES, 2006, p. 40). A presença do pai já não é suficiente para a manutenção da

ordem, pois se seu discurso se apresenta como incoerente, o sujeito pai conseqüentemente também o é. Por isso a insistência da repetição dos seus sermões é uma forma de convencer a família e quiçá a ele próprio a aceitá-los como uma norma.

O excesso, a incompatibilidade e a incoerência do discurso paterno fazem com que o protagonista perceba que o pai não detém a sabedoria que tenta passar à família. Em vários momentos da narrativa, André denuncia e critica a hipocrisia desse discurso, afirmando serem “inconsistentes os sermões do pai” (NASSAR, 1989, p. 47), uma vez que o que ele falava era dito “provavelmente sem saber o que estava dizendo” (NASSAR, 1989, p. 41-42). A suposta atmosfera harmônica dessa família encobria desejos, vontades, dores e solidão. O discurso do pai não alcançava a família. Petrificado e repleto de frases feitas retiradas de textos compilados, seu discurso era simplesmente “discernimentos promíscuos [...] em que apareciam enxertos de várias geografias” (NASSAR, 1989, p. 89). Ou seja, o pai falava daquilo que nem ele próprio compactuava.

O comedimento, o equilíbrio e a paciência não estavam presentes nas suas falas, mas ao contrário, essa fala se mostrava descomedida, desequilibrada e impaciente. Essa palavra excessiva também vinha acompanhada de força física e gritos de impaciência: “de que adiantavam aqueles gritos, se mensageiros mais velozes, mais ativos, montavam melhor o vento, corrompendo os fios da atmosfera?” (NASSAR, 1989, p. 12). O questionamento de André dá claras evidências de que a aparente união da família construída em torno da ordem não existia. O discurso do pai não tinha eficácia porque ele não conhecia a sua família. Com os olhos vedados para as possíveis mudanças, só objetivava a domesticação dos sujeitos. Atitude seguramente malograda.

Diante disso, André tem consciência da tentativa do pai de brechar a processualidade do ser e de tentar modelar a família, castrando os desejos e pulsões do corpo de cada um. Em nome do amor, André quer libertar a família da palavra mórbida do pai. Dessa forma, é “contra a negação da carne, cheia de fome e de desejos, que se insurge o filho.” (PERRONE-MOISÉS, 1996, p. 64).

André, filho transgressor, desconstrói o discurso paterno. Re-

fere-se a ele como promíscuo por ser composto por várias geografias, ou seja, um discurso compilado e, portanto, inválido. Assim, quer se ver livre e também livrar a família dessa lei falsa e hipócrita. Por isso suas falas funcionam como uma resposta de resistência e ao mesmo tempo de afronta contra os sermões do pai. Opõe-se à ordem, instaurando a desordem a mando dos desejos e das palpitações da sua carne.

O embate divergente entre o discurso paterno e o discurso de André é evidente em toda a narrativa. O pai se inscreve como instaurador da lei, defensor da ordem e dos bons costumes. Fundamentado sempre na tradição é o responsável pela perpetuação da mesma. Já o filho, alicerçado nos desejos de sua carne, inscreve-se como transgressor dessa lei e dessa ordem, instaurando o caos e a desordem. O discurso do pai é o discurso da razão, enquanto que o discurso do filho é o da paixão. De acordo com Georges Bataille (1987), a paixão introduz no indivíduo uma confusão e uma desordem.

Sérgio Paulo Rouanet (2009) desenvolve uma pesquisa baseada na teoria freudiana sobre a interação entre a razão e a paixão. A paixão, segundo ele, “pode visar à demolição do *status quo*, ou sua consolidação, ou as duas coisas ao mesmo tempo.” (ROUANET, 2009, p. 447). Existem duas paixões: uma que remete à paz e outra à guerra. A paixão que leva à guerra seria destrutiva por apresentar um lado violento, cruel e irracional, relacionado à morte. Essa morte deve ser compreendida no sentido figurado, pois essa paixão destrutiva é subversiva à medida que viola consideravelmente as leis, causando a morte da ordem e inserindo o caos.

A razão, por sua vez, define-se pela forma como interage com as paixões, podendo ser esse vínculo negativo ou positivo. É negativo quando a razão nega a importância da paixão, reprimindo qualquer atitude passional. É positiva quando reconhece todas as formas de paixão que torne a vida mais humana. Rouanet chama aquela de razão louca e esta de razão sábia.

A razão louca não impede a reflexão, porém cria uma falsa consciência. Julga-se sensata e nega a influência perturbadora das paixões. Essa razão nega a paixão, no entanto, de forma inconsciente, sucumbe-se a ela.

A razão é louca porque se deixou arrastar, à sua revelia, pela paixão. No caso que nos ocupa agora, a razão nega, de todo, que exista algo do que libertar-se. Não é uma razão ingênua, mas uma razão arrogante. Sua loucura é *hubris*, excesso, demasia, não a loucura inocente da demência involuntária, mas a loucura narcísica de quem recusa, como fictícia, a influência dos condicionamentos passionais. Ora, a razão que rejeita o que nela é irracional acaba sucumbindo ao irracional. Ela se condena à perpetuação da falsa consciência. (ROUANET, 2009, p. 453).

A razão louca produz a heteronomia, é repressiva, regulamenta o comportamento social do indivíduo e inibe a ação dos sinais emitidos pela realidade externa. Essa inibição faz dela uma razão fundamentalmente conformista, “incapaz de se rebelar eficazmente contra o poder externo porque o poder interiorizado a impede de pensar e agir.” (ROUANET, ano, p. 457). Em contrapartida a razão sábia produz saber e autonomia. Quando necessário, afasta as paixões para assegurar a objetividade do saber e libera as paixões quando são favoráveis para aumentar a autonomia do indivíduo.

Esse confronto entre a razão e a paixão está presente em *Lavoura Arcaica*, respectivamente no confronto entre o pai e André. O pai detém o discurso da razão, não obstante sua razão é louca. Louca porque distorce o conhecimento inibindo a manifestação da paixão. Enquanto soberana suprime injustificavelmente as paixões, não reconhecendo a importância da vida passional para o indivíduo. O pai abusa de seu poder repressivo e impõe uma vigilância contra os impulsos da carne. Ele é a base e o freio da família. E é contra essa base e esse freio que André tenta se impor. Seu discurso é marcado pela paixão e pela loucura. Paixão destrutiva que abala o alicerce familiar, demolindo valores e costumes antes consolidados. Loucura isenta de razão, que responde unicamente à fome do corpo.

André tem fome. Uma fome impossível de ser apaziguada. Uma fome profana e obscena. O desejo de um corpo possuído e ardente em chamas. Esse corpo carrega uma mistura divina e demoníaca. Conhecedor da lei sagrada reverte-a, derramando o sangue de Cristo no lamaçal vulcanizado que tem dentro de si: “eu, o epilético, o possuído, o tomado, eu, o faminto, arrolando na minha fala



convulsa a alma de uma chama, um pano de verônica e o espirro de tanta lama, misturando no caldo deste fluxo o nome salgado da irmã, o nome pervertido de Ana” (NASSAR, 1989, p. 110). André quer liberar o fluxo da vida, quer incendiar o mundo e amenizar a sua fome, mas para isso ele precisa do seu complemento, ou melhor, do seu alimento: “era Ana, Pedro, era Ana a minha fome” (NASSAR, 1989, p. 107). Ana é o sal, o tempero, o alimento que dá sentido à existência de André.

No entanto, o pai é o obstáculo que o impede de saciar essa fome. Como “senhor da mulher e da prole” (DUPUIS, 1989, p. 137), o pai é o empecilho à concretização do seu desejo e também dos desejos de toda a família. O cesto de roupa suja era o ossuário desses desejos reprimidos e tão bem conhecidos por André, já que ninguém afundou mais as mãos ali do que ele.

era o pedaço de cada um que eu trazia nelas quando afundava minhas mãos no cesto, ninguém ouviu melhor o grito de cada um, [...] bastava afundar as mãos pra colher o sono amarrotado das camisolas e dos pijamas e descobrir nas suas dobras, ali perdido, a energia encaracolada e reprimida do mais meigo cabelo do púbis, e nem era preciso revolver muito para encontrar as manchas periódicas de nogueira no fundilho dos panos leves das mulheres ou escutar o soluço mudo que subia do escroto engomando o algodão branco e macio das cuecas. (NASSAR, 1989, p. 42-43).

André, conhecendo os conflitos, as dores e os desejos reprimidos da família, quer libertá-los da palavra mórbida do pai, que os impedia de matar sua fome e sua sede. Dessa forma, ridiculariza, ironiza e nega o discurso paterno. Para ele o arrotosco do avô valia muito mais que os discernimentos promíscuos do pai, bem como a sua “loucura era mais sábia que a sabedoria do pai” (NASSAR, 1989, p. 109) que ignorava o poder modelador de cada um, na construção de sua subjetividade.

André não se deixa arregimentar pelo pai e se colocando como o eu do seu discurso, impõe-se como o oleiro do seu próprio barro: “‘eu sou um epilético’ fui explodindo, [...] sabendo que atirava numa suprema aventura ao chão, descarnando palmas, o jarro da minha

velha identidade elaborado com o barro das minhas próprias mãos” (NASSAR, 1989, p. 39). André é o irmão acometido, o filho tresmalhado que só reconhece o seu ponto de vista. Uma “planta nunca enxerga a outra” (NASSAR, 1989, p. 160). Da mesma forma que o pai não reconhece outro discurso que não seja o seu, André também não reconhece outra ciência que não seja a sua. Ao revelar a Pedro a relação incestuosa com Ana, André “virando a mesa dos sermões num revertério, destruindo travas, ferrolhos e amarras, tirando não obstante o nível, atento ao prumo, erguendo um outro equilíbrio” (NASSAR, 1989, p. 109) quer mostrar que outro discurso e, por conseguinte, outra lei pode ser seguida, a sua.

Mesmo André se posicionando como o transgressor da família, não cabe só a ele a romper com o discurso paterno. A mãe é a origem da trama canhota que o enredou, era ela “destecendo desde cedo a renda trabalhada a vida inteira em torno do amor e da união da família” (NASSAR, 1989, p. 37), era ela que, mesmo coberta pelas pedras da catedral erguida por Iohána, conseguia que sua luz vazasse e atingisse os filhos: “era como se viesse do interior de um templo erguido só em pedras mas cheio de uma luz porosa vazada por vitrais” (NASSAR, 1989, p. 31), como também era ela a planta sedutora da infância: “que culpa temos nós dessa planta da infância, de sua sedução, de seu viço e constância?” (NASSAR, 1989, p. 129). A mãe também favorece para a desconstrução do discurso paterno ao transbordar-se de carinho e compreensão em relação aos filhos, contrariando a austeridade e a severidade do pai.

Lula, tendo André como espelho, é também um desconstrutor do discurso paterno, pois carrega dentro de si o desejo de fuga, não suporta a imanência do campo e quer ser dono dos seus próprios desejos e vontades. Bem como Ana, irmã que André afirma ser igual a ele, por também carregar o demônio no corpo, pode ser interpretada como uma das personagens mais transgressoras do discurso paterno, já que é ela que, agindo de forma desvairada, coberta das quinquilharias mundanas de André, expõe a decadência familiar. Sua dança, carregada de sentido, pode ser lida como um sim a André em resposta às interpeleções do irmão feitas na capela, uma afirmação à paixão e ao desejo, bem como um sim à transgressão da ordem estabelecida pelo pai.

Ana (que todos julgavam na capela) surgiu impaciente, numa só lufada, os cabelos soltos espalhando lavas, ligeiramente apanhados num dos lados por um coalho de sangue (que assimetria mais provocadora!), toda ela ostentando um deboche exuberante [...] varando com a peste no corpo o círculo que dançava, introduzindo com segurança, ali no centro, sua petulante decadência. (NASSAR, 1989, p. 186).

Sua dança provoca não só sedução, mas também tensão, numa família já tensa, em vias de uma explosão, que sente que a destruição tão anunciada pode ser então concretizada. E confirmando o destino trágico dessa família, o pai, com sua autoridade absoluta, tendo o direito de vida e de morte sobre os filhos, assassina Ana, porque esta expõe a decadência familiar. Segundo Jacques Dupuis: “o pai tendose arrogado a propriedade da esposa e dos filhos, dispõe do direito de vida e morte sobre estes últimos.” (DUPUIS, 1989, p. 153). Possuindo desse direito é que a mata, sendo a morte de Ana necessária para tentar manter a ordem. Ordem esta, que já não existia.

O pai representa um obstáculo ao poder e a concretização dos desejos sexuais, logo para se apropriar desse poder e obter a liberação desses desejos é necessário que o pai morra. Percebe-se em *Lavoura Arcaica* o desejo de André em ocupar o lugar do pai. O pai tem que ser devorado para que ele assuma seu lugar, pois o ato de devorar o pai faz com que o filho se identifique com ele e adquira parte de sua força. A morte do pai anunciada ao final do livro deixa subtendido o seu banquete.

**Resumen:** El presente trabajo tiene como objeto de investigación *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar y objetiva analizar la construcción de los sujetos discutiendo y presentando las disparidades discursivas presentes en los discursos del padre y de los miembros familiares que se encuentran a su izquierda. La tentativa del padre de modelar y disciplinar los familiares, visando la construcción de subjetividades ideales, influencia en la construcción de discursos de desvío de ese ideal, comum a aquéllos que están a su izquierda y se caracterizan como la antinorma, por intentar romper con la tradición y con el

orden establecido por el padre. Así que las relaciones de poder que se establecen en esos discursos también es de nuestro interés.

**Palabras Clave:** Discurso. Poder. Transgresión.

## Referências

ABATI, Hugo Marcelo Fuzeti. *Da Lavoura Arcaica: fortuna crítica, análise e interpretação da obra de Raduan Nassar*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)- Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

BATAILLE, Georges. Introdução e a transgressão. IN: BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. de Antônio Carlos Meira. Porto Alegre: L e M, 1987, p. 11-23 e p. 59-75.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4. ed. São Paulo: Pontes, 1995.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA. *Raduan Nassar*, n. 2, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1996.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo – capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Joana Moraes Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Assírio & Alvim, 1966.

DUPUIS, Jacques. *Em nome do pai: uma história de paternidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Bae-

ta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas*: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

LIMA, Thyse Leal. *O mundo desencantado: um estudo da obra de Raduan Nassar*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Da cólera ao silêncio. *Cadernos de Literatura Brasileira*: Raduan Nassar, n. 2, Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1996, p. 61-77.

RODRIGUES, André Luis. *Ritos da paixão em Lavoura Arcaica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

ROLNIK, Suely. *Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea*. In: NÚCLEO de Estudo da Subjetividade. 1999. p. 01-09. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

ROLNIK, Suely. *O mal-estar na diferença*. In: NÚCLEO de Estudo da Subjetividade. 1995. p. 01-13. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

ROLNIK, Suely. *Subjetividade Antropofágica*. In: NÚCLEO de Estudo da Subjetividade. 1998. p. 01-17. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

ROUANET, Paulo Sérgio. Razão e paixão. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 437-467.

SEDLMAYER, Sabrina. *Ao lado esquerdo do pai*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

TEIXEIRA, Renata Pimentel. *Uma lavoura de insuspeitos frutos*. Anablume: 2002. Originalmente apresentada como Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Pernambuco, 2001.